

Secretário-geral do Cimi diz em CPI que Funai é o esquadrão da morte do índio

3B.14.9.77

Brasília — Ao depor, ontem, na CPI do índio, o secretário-geral do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Padre Antônio Iasi, comparou a Funai ao esquadrão da morte, destacando entre as duas organizações apenas uma diferença: "Enquanto o esquadrão tira os presos das cadeias para matá-los ao longo das estradas, a Funai atrai os índios arreios e deixa-os morrer junto das estradas, cuja construção ela mesma possibilitou".

Em sua crítica à política indigenista — "hoje praticamente nas mãos dos militares, que são, em toda a história da assistência ao índio, os piores dos administradores" — o missionário jesuíta acusou a FAB de estar utilizando as terras de sua base no Parque do Xingu, "para implantar uma fazenda, onde se cria gado". Disse que os militares vêm criando no local inúmeros incidentes com os indígenas, e a Funai está diante de um dilema: "ou disciplina a FAB, para o bem dos índios, ou a FAB disciplinará a Funai, levando-a a aceitar o *status quo*".

SANTUÁRIO VIOLADO

Lamentou que o Parque do Xingu, "área indígena conhecida e respeitada internacionalmente", fosse, para desaponto dos irmãos Villas-Boas, cortado propositalmente por uma estrada, com a ameaça de um novo corte, ao Sul". Para ele, a Funai tem favorecido a construção dessas estradas e com isso possibilita cada vez mais a entrada de fazendeiros em terras das quais "são expulsos não só os índios como os pequenos posseiros".

A iniciativa governamental de transformar o Xingu em pólo de atração turística foi apontada pelo Padre Antônio Iasi como outra grave falha da Funai: segundo ele, o turista é um elemento prejudicial ao índio, pois, quando não assume atitudes paternalistas, explora, deseduca e atrapalha a evolução mental do índio, no processo de integração com o nosso mundo".

Reclamou, com maior veemência, dos turistas oficiais: "O Governador e seus amigos; o filho do Ministro e seus amiguinhos, que entram com facilidade nas áreas indígenas, enquanto os verdadeiros estudiosos e pesquisadores têm dificuldades em entrar no Parque do Xingu, "uma área indígena não é um zoológico, que deva ser franqueado aos curiosos, enfastiados e ávidos de exotismo".

OS MILITARES

"A Funai, como muita outra coisa neste país, vem sofrendo as consequências de uma distorção ótica daqueles que, tendo sido levados pelo povo a destituir um Governo, que já não oferecia suficientes garantias democráticas, uma vez donos da situação, consideram-se os únicos capazes de dirigir os negócios públicos", disse.

A fim de demonstrar a incapacidade dos militares para administrar os órgãos indigenistas, citou, entre outros, o Tenente-Coronel Moacir Coelho, o Major Luiz Vinhaes Neves e o General Bandeira de Mello, ex-presidente da Funai. Este último, teria, "segundo Orlando Villas-Boas, implantado o mais eficaz e rápido processo de extinção do índio brasileiro".

Revelou que "de longa data, a Força Aérea Brasileira tem atritos com os índios da Ilha de Bananal". Lembrou o recente afastamento da direção do Parque do Araguaia do sargento Sidney Possuelo, "que não se prestou às pretensões expansionistas da FAB, por não colocar à disposição de turistas da mesma FAB, a lancha que está a serviço dos índios, como lhe era ordenado de Brasília."

Reconheceu alguns trabalhos beneméritos desenvol-

vidos pela FAB, no Xingu e ainda em outras áreas indígenas, mas ressaltou que os serviços prestados pela Força Aérea aos índios do Xingu "são pagos a preços muito elevados": "Um índio foi baleado numa dessas caçadas praticadas pelos oficiais, e as operações militares simuladas levam para a área indígena algumas centenas de soldados e por onde passa o soldado, passa a fertilidade".

Ao ser inquirido pelo Deputado Airton Soares (MDB-SP) sobre as possibilidades de uma efetiva ajuda do Exército no trabalho de proteção aos índios, o Padre Iasi admitiu que "apesar de todas as coisas negativas que o Exército tem feito até agora, como a abertura das estradas, sem dúvida ele poderia colaborar a favor dos silvícolas, talvez demarcando as suas terras".

MASSACRES

Na opinião do missionário, embora a Funai não disponha de recursos para atender a "itens primários e não onerosos dentro do programa assistencial aos indígenas, dispõe, entretanto, de milhões para promover um carnaval de índios para o Presidente da República ver, no Sul de Mato Grosso", numa referência à visita presidencial à reserva dos índios terenas, no início desse ano.

Para ele, essa preocupação em agradar o mundo oficial do país, vem fazendo com que a Funai se descuide da proteção às comunidades indígenas. Relatou "uma série de massacres e violências" contra várias tribos: "sessenta e oito mortos por falta de médicos, enquanto a Funai possui, em Brasília, ao que consta, quatro médicos; os índios do Xingú, que com a abertura da BR-880 estão cercados de invasores e fazendeiros; os tapirapes, que há anos tentam ver suas terras, ocupadas por grandes fazendas como a Tapiaguaiá e a Codeara, delimitadas pela Funai".

"E ainda — prosseguiu o secretário-geral do Cimi — "os nambikwaras, dizimados e expulsos de suas terras pela própria Funai, que teria concedido certidões negativas, provando a inexistência de índios aos grandes grupos". Lembrou que um dos grupos que atuam na área dos nambikwaras é integrado por um filho do ex-Ministro do Interior, Sr Costa Cavalcanti. Citou, ainda, as ameaças de morte que vêm sofrendo os xavantes, por fazendeiros; os assassinios impunes dos cinta-largas, praticados pela Arruda, Junqueira e Cia, e em cuja "farsa encenada na Justiça de Cutabá um dos atores foi o Senador Eurico Rezende, especialmente convidado pela Funai". E, por fim, lembrou a situação em que ficaram os waimiri-atroaris e os parakana, "dizimados após contatos com os brancos".